

Aplicação de técnicas musicoterápicas na capacitação de equipes multiprofissionais

Ronaldo Millecco

Apresentarei alguns tópicos do projeto que preparei para o Conservatório Brasileiro de Música (RJ), na qualidade de professor-pesquisador, com o objetivo de dar continuidade, no biênio 2001/2002, à implantação de um trabalho de musicoterapia na área social, desenvolvido por mim e pela musicoterapeuta Marly Chagas. Infelizmente, a mudança de comando da administração municipal, nas últimas eleições, inviabilizou essa continuidade, tendo o projeto encerrado em fevereiro último. Por esse motivo, utilizarei o tempo passado, mas acreditamos, entretanto, que a experiência foi um ponto de partida e propiciou alguns caminhos interessantes para pensarmos em futuros desdobramentos. Ao final, apresentarei algumas questões que considero relevantes para nossa reflexão.

1. Introdução

Organizou-se ao longo do segundo semestre de 1999, na cidade do Rio de Janeiro, a estrutura para a implantação da PROPOSTA DE CAPACITAÇÃO / DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - BUSCANDO CAMINHOS, projeto da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) e do Conservatório Brasileiro de Música (CBM). Teve como público alvo, profissionais do programa 'Vem Pra Casa', desenvolvido em quatro unidades do CEMASI: Gonzaguinha (no Engenho de Dentro) / Guadalupe (em Guadalepe) / Ayrton Senna (no Maracanã) / Sol Garson (em Vila Isabel). O projeto reuniu breves oficinas de diversas linguagens expressivas e artísticas, além do trabalho de musicoterapia desenvolvido no período de seis meses em cada unidade.

Levando em consideração o alto risco social vivido por crianças e adolescentes do programa Vem Pra Casa, marcadas pela experiência de vida na rua, *onde o real e o imaginário se apoiam em leituras muitas vezes confusas da realidade*, e da *ausência de sentimentos de pertencimento*, o projeto aponta para a *necessidade de um trabalho comprometido com a Arte, com o desenvolvimento do pensamento estético-sensível*. O projeto, segundo seu formato inicial, visa capacitar profissionais tendo a Arte como eixo para a *alfabetização dos sentidos* para que possam *desenvolver, junto às crianças e adolescentes, um trabalho que instrumentalize para uma nova leitura de mundo, para a construção de uma nova história pessoal que se cumpre na relação e responsabilidade social*.

A pesquisa que realizei no mestrado em Educação Musical¹ teve como universo, a interface entre dois campos através da investigação dos projetos 'Tocando a Vida' [pela Educação Musical e 'Cancioneiros do IPUB' [pela

1 Extraído do projeto Buscando Caminhos, da SMDS e do CBM.
2 Millecco, 2000.

Musicoterapia]. O objetivo central foi verificar os 'processos de subjetivação'³ envolvidos em ambos os campos, ou seja, as formas de transformação propiciadas pelos dois projetos. Da mesma forma, estivemos acompanhando e avaliando, aqui, os processos de subjetivação vivenciados pelas equipes de profissionais com quem trabalhamos.

2. Justificativa

Encontramos pouquíssimo material bibliográfico para pensarmos o tema específico aqui proposto, ou seja, o trabalho de capacitação de equipes multiprofissionais, o que se justifica pelo aspecto pioneiro desse tipo de proposta na clínica musicoterápica. Utilizaremos, então, como eixo teórico/prático: a abordagem esquizoanalítica [Deleuze e Guattari] que me serviu de base na dissertação de mestrado; articulando-a com parte do campo teórico da musicoterapia que aborda a dimensão sociocultural da música, e alguns campos correlatos, como 'ISO Cultural' [Vicuña] e os 'Territórios Existenciais em Música' [Millecco].

Na perspectiva esquizoanalítica, a possibilidade de desenvolvimento *de modos de subjetivação singulares*⁴, de auto-modelações que se afirmam independentes da ordem capitalista, rompe com a tentativa de homogeneização que a massificação pressupõe. Com esta ruptura, os grupos podem adquirir a *liberdade de viver seus processos, (...) a capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles*. Surge a recusa às manipulações e telecomandos, e paralelamente, são construídos novos modos de sensibilidade, *modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzem uma subjetividade singular*⁵.

A noção de Identidade Sonora-Cultural coloca-nos, no entre-cruzamento de diferentes propostas 'territoriais', num vasto campo de identificações e diferenciações frente à diversidade de modos de subjetivação. Por outro lado, ela pode gerar um conflito conceitual com a proposta esquizoanalítica, na medida em que Deleuze e Guattari rechaçam os modelos identitários, mas o que pretendemos trabalhar aqui é exatamente a passagem de identidades massificadas ou marginais, para fortalecimento de forças construtivas de novos Territórios Existenciais⁶, possibilitando, assim, a emergência de Territórios Singulares⁷. É nesse contexto, característico da vida contemporânea nessa virada de século, que pensamos o conceito de Identidade Sonora Cultural e suas implicações no trabalho musicoterápico.

A Musicoterapia utiliza-se da comunicação musical, não verbal e verbal, bem como de aspectos inerentes à cultura, com finalidades de prevenção, tratamento e reabilitação. O que caracterizou o trabalho com equipes de profissionais do CESAMI, foi a criação e o desenvolvimento de processos grupais que facilitaram e promoveram a expressividade, a reflexão e, conseqüentemente, as transformações. Acreditamos que cantar, tocar e dançar, escutar, assim como

³ Na concepção proposta por Félix Guattari (1986 / 1991).

⁴ Guattari, 1986, p. 16.

⁵ Ibid, p. 46.

⁶ Termo proposto por Guattari (1992)

⁷ Ver Territórios Existenciais em Música (Millecco, 1996)

improvisar e compor canções, facilitou aos trabalhadores destas instituições, o acesso a seu próprio universo sonoro, às recordações infantis, à possibilidade de desenvolver a escuta pessoal com relação ao outro, com conseqüências positivas no trabalho que desenvolvem com crianças e adolescentes.

A proposta elaborada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e pelo CBM no projeto Buscando Caminhos, prevê que o trabalho da musicoterapia aconteça no período de um semestre em cada unidade do CEMASI, com a freqüência de um encontro semanal. Como acreditamos na necessidade de acompanhamento regular após os seis meses em cada local, propusemos a realização de um encontro mensal com as equipes que já teriam passado pelo projeto, visando acompanhar o desenvolvimento das questões já trabalhadas e avaliar de forma efetiva os efeitos da musicoterapia a médio prazo, assim como das oficinas de linguagem artística, na capacitação destas equipes.

3. Objetivos Gerais

Desenvolver um trabalho clínico de musicoterapia junto à equipes multiprofissionais, avaliando suas características e potenciais, visando a capacitação das equipes para a melhoria do atendimento às crianças abrigadas nessas instituições.

4. Objetivos Específicos

- * Desenvolver a capacidade de escuta de si mesmo e do outro;
- * Propiciar, quando necessário, espaço para a apresentação e possível elaboração de conflitos pessoais ligados ao trabalho no CEMASI;
- * Sensibilizar os componentes dos grupos para a importância de seu trabalho, visando a qualificação profissional;
- * Contribuir na formação de recursos humanos com a participação e supervisão de bolsistas de Iniciação Científica.

5. Metodologia

A pesquisa bibliográfica deve ser a primeira etapa de qualquer pesquisa, e no projeto original estaria relacionada com algumas características do trabalho até então realizado, envolvendo as seguintes temáticas:

- * Fundamentação teórica escolhida pelos pesquisadores (esquizoanálise, musicoterapia, sociologia e psicologia social);
- * Técnicas de sensibilização e de grupo operativo, adaptando-as ao trabalho musicoterápico;
- * Pesquisa qualitativa e instrumentos de análise da experiência;

A pesquisa de campo aconteceu semanalmente em quatro unidades do CEMASI selecionadas, por um período de três horas, somando-se aí o contato com as várias instâncias institucionais e a atividade com a equipe. Os procedimentos e técnicas utilizadas em cada encontro estavam relacionadas com o

próprio andamento do trabalho em cada unidade, e muito freqüentemente partimos do conteúdo latente que emerge no contato direto com o grupo. Outras vezes, levamos propostas de atividade que mobilizaram aspectos específicos, como:

- * com que canção cada um se apresentaria ao grupo agora ?
- * que canções o grupo dedica para cada um de seus componentes ?
- * como foi a infância de vocês que trabalham como “cuidadores” ?
- * dedique uma canção a quem cuidava de vocês ?
- * como devem ser educados nossos filhos ? / e os meninos que passam pela instituição ?

* o que significa para vocês trabalhar no CEMASI ?

As respostas aconteceram, preferencialmente, através da escolha de canções, que o grupo canta e/ou acompanha com instrumentos e outros objetos, e as vezes foram seguidas de algum depoimento ou reflexão. O musicoterapeuta deve acolher e favorecer a auto-expressão das pessoas, oferecendo, sempre que necessário, um ‘envelope sonoro’ [Anzieu] para ampliar o fazer musical. Como os grupos podiam variar de uma semana para outra, fazendo com que cada encontro tivesse a sua história, o olhar e a escuta estavam atentos aos traços característicos dos componentes das equipes a que tivemos acesso e da dinâmica institucional de cada unidade do CEMASI. A tendência é que o grupo expresse os aspectos mais importantes de sua constituição.

O processo de avaliação foi acontecendo ao longo do trabalho, a partir do material trazido pelos grupos, incluindo:

- * a análise musical do repertório e das composições realizadas por cada grupo;
- * os comentários espontâneos e depoimentos colhidos próximo ao final dos seis meses de trabalho;
- * a análise de desenhos e outros tipos de material expressivo;
- * as avaliações realizadas pelos musicoterapeutas nos relatórios periódicos e nas reuniões com a equipe do projeto Buscando Caminhos.

6. Algumas Questões

Vários temas apareceram ao longo do trabalho, alguns de cunho pessoal (fragmentos da infância e seus personagens mais significativos), outros relacionados à prática profissional (conflitos, projetos e desejos), e outros ainda referentes à questões mais gerais (contradições sociais, liberdade, justiça, formas de amor). Todos esses temas tiveram como forma de expressão, a lembrança de canções, seja por associação livre ou temática. Os encontros trouxeram à tona diversos sentimentos e momentos marcantes, as vezes com humor e alegria, as vezes com tristeza e tentativa de superação. O compartilhar desses momentos propiciou aos grupos um certo olhar, ouvir e perceber mais atento a cada um de seus integrantes, o que acaba estreitando os laços pessoais e profissionais.

A música aparece, nos depoimentos colhidos em cada unidade trabalhada, como fator de integração, dando acesso à intimidade, sendo assim reveladora

de mundos que permaneceriam desconhecidos se a comunicação se desse de maneira tradicional. Um ponto que merece destaque fala da acolhida, por parte do grupo, de todos os estilos musicais, da aproximação e conhecimento do outro em sua singularidade e gostos pessoais, o que faz aumentar a integração dos seus componentes. Passaram por nossos encontros, desde marchinhas e serestas, a sambas e rocks, passando pelas canções de amor e pelos hinos religiosos. Chegou-se a discutir a diferença entre as preferências e os estilos musicais de cada um, e observamos que a percepção e o respeito às diferenças teve um efeito que extrapola o universo musical.

Como muitas vezes a equipe de educadores se apresentava desfalcada às oficinas de musicoterapia, trabalhamos com pessoal de apoio (cozinheiras, motoristas, pessoal de limpeza) e de outros setores (psicologia, serviço social, secretaria, informática), o que propiciou uma visão ampliada das questões institucionais e relacionais intra-equipe. Propusemos, como forma de fortalecer e ampliar o projeto, que os meninos e adolescentes passassem a ter uma atividade paralela aos encontros com as equipes. Uma possibilidade para viabilizar isso, seria a organização de uma equipe de estagiários de musicoterapia que pudessem contar com uma supervisão do trabalho na área social. Isso estaria atendendo a várias demandas: 1) aos grupos de musicoterapia com as equipes, que estariam, assim, mais disponíveis para os encontros; 2) aos meninos e adolescentes, que teriam um espaço com uma escuta qualificada e atenta às suas possibilidades expressivas; e 3) aos próprios alunos da graduação e especialização em musicoterapia, que estariam sendo capacitados para o trabalho na área social.

O processo vivido por esses grupos nas oficinas de musicoterapia permitiu a construção de “territórios” de confiança, onde além das canções e questões pessoais, houve espaço tanto para críticas institucionais como para busca de alternativas e sugestões. Acreditamos, segundo os depoimentos colhidos e as observações feitas ao longo do trabalho, que a oficina de musicoterapia cumpriu seus objetivos. A heterogeneidade de cada grupo possibilitou aquisições em diferentes níveis, e fortaleceu os elos entre as pessoas que puderam participar, enriquecendo, assim, a qualidade do trabalho social que elas desenvolvem. Pudemos observar algumas transformações que, vistas pela ótica esquizoanalítica, envolvem aspectos subjetivos e objetivos, estabelecem rupturas de sentido, e possibilitam a construção de novos territórios existenciais.

Outro ponto significativo que devemos sublinhar, foi o processo de composição musical desenvolvido em cada grupo, reveladores de aspectos da identidade sonoro-cultural e de suas características predominantes. Apesar das características particulares de cada unidade, o que fica evidente na escolha dos estilos musicais, as três canções apresentam como ponto em comum, a importância do amor necessário para a recuperação e/ou reintegração das crianças e adolescentes, objetivo principal dessas instituições. Encerrando, apresentando fragmentos das três composições:

Em um dos grupos, a composição teve o formato de ‘samba de roda’, com um refrão curto e estrofes improvisadas que falavam de aspectos e contradições da própria instituição (Engenho de Dentro);

*Tem gente na cozinha
 Tem gente no corredor
 Aqui no Gonzaguinha
 As crianças são tratadas com amor
 (...)
 Aqui é diferente
 Ninguém tá pra muito jogo
 Se ninguém entende a gente
 É porque não fala a língua do povo*

Em outras duas unidades, a composição foi desencadeada pela seguinte proposta dos musicoterapeutas: divisão do grupo em duplas ou trios para criação de fragmentos musicais a partir de seus nomes e funções na instituição; levantamento de frases ou idéias para as letras; junção e harmonização (feita pelos musicoterapeutas) dos fragmentos rítmicos e melódicos, com as palavras ou frases para a letra. Foram formatados desta maneira:

- um baião incluindo o contra-canto de suas duas partes, com a temática abordando as contradições sociais e o trabalho desenvolvido pela casa de acolhida (Guadalupe);

*A violência, a injustiça, a sociedade
 Faz o adolescente retornar para o CEMASI
 (...)
 Com amor e verdade
 Sonho é realidade
 Marca sim, o coração*

- e um funk melodioso com uma letra que aborda a perspectiva de um menino que vivia perdido pelas ruas e encontra seu rumo ingressando na instituição.

*Lá na "rua da tristeza"
 Que faz esquina com a pobreza
 A solidão me acompanhava
 Falsos amigos me usavam
 A rua era minha casa
 O que é que eu esperava?*

*Mas agora descobri
 Que existe amor no mundo
 O solidário é quem no fundo
 Pensa em todos como irmão*

Bibliografia

- BENZON, Rolando O. - Manual de Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, S. - Micropolítica, Cartografia do Desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. 326 p.
- GUATTARI, Félix - As Três Ecologias - Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- _____. Caosmose. Um Novo Paradigma Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- MILLECCO, Ronaldo Pomponét - Processos de Subjetivação em Educação Musical e Musicoterapia. Rio de Janeiro: CBM (Conservatório Brasileiro de Música). Dissertação de Mestrado em Educação Musical, 2000, 96 p..
- _____. Ruídos da Massificação na Construção da Identidade Sonora Cultural. In: Revista Brasileira de Musicoterapia, nº 3. Rio de Janeiro: UBAM, 1996, pp. 5-15.
- VICUÑA, María Esther Grebe de - Antropología de la Música: Nuevas Orientaciones y Aportes Teóricos en la Investigación Musical. Revista Musical Chilena XXXV, nº 153-155. 1981, pp. 52-57.